

***Physica*: uma das obras científicas de Hildegarda de Bingen**

Maria Cristina da Silva Martins
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
cristina.martins@ufrgs.br

RESUMO: Neste artigo, procuramos divulgar um pouco da vida e da obra de Hildegarda de Bingen, abadessa alemã do século XII, que produziu uma obra imensa, escrita em latim, abrangendo diversas áreas do conhecimento. Pretendemos mostrar excertos da tradução que realizamos do *Livro de Plantas*, de *Physica*, do latim ao português, além de divulgar o trabalho científico dessa santa católica.

Palavras-chave: Santa Hildegarda de Bingen; *Physica*; tradução; medicina medieval; latim medieval.

***Physica*: l'une des œuvres scientifiques de Hildegarde de Bingen**

3

RÉSUMÉ: Dans cet article, nous cherchons à diffuser la vie et l'œuvre de l'abbesse Hildegarde de Bingen, ainsi que montrer des extraits de la traduction du latin au portugais que nous réalisons du *Livre de Plantes*, de *Physica*, en plus de faire connaître le travail scientifique de cette sainte catholique.

Mots-clés: Sainte Hildegarde de Bingen; *Physica*; traduction; médecine médiévale; latin médiéval.

Introdução

Hildegarda de Bingen (1098–1179)¹ nasceu em Bermersheim, na região da Renânia alemã, em um momento da Idade Média considerado como o “Renascimento do século XII” (BENSON; CONSTABLE, 1992). Esse foi, de fato, um século de efervescência cultural, que produziu reformas na Igreja, renovações no campo da teologia e expansão de centros educacionais, notadamente com a criação das Escolas de Paris e de Chartres, entre outros eventos importantes. Na arquitetura, houve o desenvolvimento da arte romana em todos os países cristãos da Europa, até o triunfo da arte gótica, no século XIII, como se pode observar na construção das catedrais francesas (BRAVARD, 1997).

Além de obras de caráter religioso, Hildegarda escreveu obras científicas inicialmente oriundas da observação da natureza, e que poderiam ser consideradas atualmente como obras de farmacologia, botânica, geologia, cosmologia ou medicina. Foi igualmente poeta, linguista, compositora musical, pregadora da fé cristã, exorcista, teóloga e exegeta, além de uma personagem participante da política de seu tempo. Trocou correspondências com pessoas influentes, como o Papa Beato Eugênio III (1080–1153; papado 1145–1153) e Bernardo de Claraval² (1090–1153; canonizado em 1174), além do imperador Frederico Barba-Ruiva.

4

Entre essas personalidades importantes, destaca-se particularmente Bernardo de Claraval, que acreditou na autenticidade de suas visões³, o que possibilitou que fossem reconhecidas oficialmente no Sínodo de Tréveris (Trier), em 1147–1148. Com esse reconhecimento, Hildegarda teve permissão para registrar por escrito suas visões e também para pregar a fé cristã (PERNOUD, 1996, p. 39–53). Todos os assuntos que envolveram a vida e obra de Hildegarda encontram testemunho entre suas quatrocentas cartas que sobrevivem até hoje.

¹ A obra *Vita Sanctae Hildegardis* – normalmente referida como *Vita* – é a principal fonte biográfica de Santa Hildegarda. Foi escrita por dois monges, Godofredo de Disibodenberg e Teodorico de Echternach, entre 1173 e 1175, enquanto Hildegarda ainda estava viva. Godofredo escreveu o Livro I dessa obra, e Teodorico de Echternach assumiu a tarefa de terminá-la, concluindo-a em 1190, após a morte de Hildegarda e de Godofredo (PAZ, 1999).

² Bernardo de Claraval foi um teólogo e intelectual da Igreja Católica, sendo um dos quatro doutores da Igreja, ao lado de Santo Agostinho, São Jerônimo e São Gregório Magno. A pedido do Papa Eugênio III, foi o mentor intelectual da Segunda Cruzada (1147–1149), que acabou resultando em completo fracasso. São Bernardo ajudou a criar a Ordem dos Cistercienses, que é uma Ordem Beneditina reformada.

³ Cf. Carta, I (de Hildegarda a Bernardo), Carta II (de Bernardo a Hildegarda) in: BINGEN (2007), p. 43–7. Temos testemunho de suas pregações também numa carta dessa coletânea, além de uma dezena de outros depoimentos sobre sua vida e obra, classificados pela tradutora hierarquicamente, por ordem de importância, começando por sua correspondência trocada com o Papa, bispos, arcebispos e o imperador Frederico Barba-Ruiva.

As obras proféticas⁴ de Santa Hildegarda, bem ao estilo de Isaías e Ezequiel, são as mais estudadas e traduzidas no mundo inteiro. Elas formam uma trilogia, sendo a primeira (1151) *Sciuias* (*Scito uias Domini* “Conhece os caminhos do Senhor”), a segunda (1163) *Liber uitae meritorum* (“Livro dos méritos da vida”), e a terceira (1174) *Liber operum diuinorum* (“Livro das obras divinas”). O “Livro das obras divinas” é considerado a sua obra-prima no campo teológico e místico (GORCEIX, 1982; DUMOULIN, 2012, 2014; VANNIER, 2015). No Brasil, o único livro traduzido de Hildegarda é *Sciuias*, a partir da língua inglesa.

A fama de Hildegarda de Bingen como fundadora de um convento, instrutora eclesiástica e teóloga relaciona-se não só às suas visões espiritualistas, mas também à proeminente posição que ocupa na história da medicina e da ciência. No Brasil, os estudos sobre a autora encontram-se ainda em forma embrionária, e é desta maneira que também nos incluímos. No entanto, acreditamos que, em breve, poderemos contribuir com mais uma tradução dessa abadessa medieval, oferecendo ao público de língua portuguesa uma de suas obras científicas: *Physica*.

1. A obra *Physica*

A obra científica de Hildegarda de Bingen está contida em dois tratados, conhecidos atualmente sob os títulos que lhes foram dados pelos seus primeiros editores: *Physica* e *Beatae Hildegardis causae et curae* (ou simplesmente *Causae et curae*). No entanto, nenhum desses títulos aparece nas fontes mais antigas dessas obras. Inclusive, essas primeiras referências mostram que *Physica* e *Causae et curae* faziam parte de uma mesma obra, sendo *Causae et curae* uma espécie de “rejeito” de *Physica* (MOULINIER, 1998, p. 136). Em 2003, Laurence Moulinier publicou a primeira edição crítica de *Causae et curae* e discutiu extensivamente a problemática da autoria, chegando à conclusão de que esse trabalho provavelmente contém um núcleo concebido por Hildegarda, mas que a maior parte dele é uma compilação criada após sua morte.

Hildegarda revela no Prólogo de *Liber uitae meritorum* (1163) ter recebido da Luz Viva “as sutilidades de diferentes tipos de criaturas” (BINGEN, 2014, p. 43) e, no *Liber diuinorum operum* (1173), declara que a Sabedoria, através da “forma feminina inculta”, referindo-se a ela mesma, mostrou entre outras coisas “os mistérios profundos” e “as virtudes naturais de diversas coisas⁵”.

⁴ Para uma interpretação da Santa Hildegarda como mística e artista, ver a entrevista de Victoria Cirlot à revista IHU on-line, disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4283-victoria-cirlot>. Acesso em 24 de abril de 2020.

⁵ Cf. respectivamente PITRA, 1882, p. 7; MIGNE, PL 197, coluna 980; e BINGEN, 2011, p. 117-119.

Pode-se dizer que a obra de Hildegarda de Bingen começou a ser estudada e divulgada mais recentemente a partir da publicação de suas obras completas na *Patrologia latina* (PL), de J. P. Migne (1885), onde ocupa as colunas 1125 a 1352, do volume 197. O manuscrito latino que serviu de base para a edição de *Physica* que consta na PL é o de Paris (Bibliothèque Nationale, ms. Lat. 6952, século XV). Por sua vez, a *editio princeps* de *Physica* foi realizada por Jean Schott, em 1533, e a *editio princeps* de *Causae et Curae*, por Paul Kaiser, em 1903. Esses livros são também conhecidos respectivamente, por *Liber simplicis medicinae* e *Liber compositae medicinae*.

Todavia, nenhum desses títulos foi dado por Hildegarda. Há um testemunho da própria autora, no prólogo do *Liber uitae meritorum*⁶, em que ela relata ter vivido oito anos em sofrimento até que uma Luz Viva lhe instruisse sobre como explicar “a sutileza de diferença entre os tipos de criaturas”. Essa revelação está contida no título de uma obra de Santa Hildegarda, mencionada por seu secretário Volmar⁷, em uma carta de 1170: *Liber subtilitatum diuersarum naturarum creaturarum* (“Livro das diversas sutilezas das criaturas naturais”), que englobaria *Physica* e *Causae et Curae*.

Por volta de 1220, o prior cisterciense Gebeno d'Eberbach compôs uma compilação de profecias de Hildegarda, conhecidas como *Speculum futurorum temporum* e, na segunda versão da epístola dedicatória com a qual ele fornece seu trabalho, que provavelmente é 1222, ele recapitula os escritos da abadessa e empresta a ela a autoria de dois tratados de medicina⁸.

A obra *Physica* foi escrita entre 1150 e 1158 e compõe-se de nove livros, tanto na edição de Migne (PL, 197, 1885), quanto na edição de Müller e Schulze (2008), cuja sequência é esta: *De plantis*, *De elementis*, *De arboribus*, *De lapidibus*, *De piscibus*, *De auibus*, *De animalibus*, *De reptilibus*, *De metallibus* (“Plantas”, “Elementos”, “Árvores”, “Pedras”, “Peixes”, “Aves”, “Animais”, “Répteis”, “Metais”). Como se deduz pelo próprio conteúdo de *Physica*, a palavra “física” tem um significado diferente do que atribuímos a ela hoje em dia. O dicionário Houaiss (2009), por exemplo, define “física” como a “ciência que investiga as leis do universo no que diz respeito à matéria e à energia, que são seus constituintes e suas interações”. Já *Physica*, em latim, provém do grego clássico φυσική (‘ciências naturais’; substantivação do adjetivo φυσικός ‘natural’), mantendo o mesmo significado da língua grega. É difícil percorrer todo o

⁶ *Liber uite meritorum*, ed. A. CARLEVARIS, Turnhout 1996, I, prol., p. 8, lin. 4, CCCM 90, apud MOULINIER, 2003 (ed.), p.II.

⁷ Ep. CXCIV, in : Hildegardis Bingenensis Epistolarium, II, ed. L. VAN ACKER, Turnhout 1993, p. 443 (CCCM 91A): *Vbi tunc expositio naturarum diuersarum creaturarum?* apud MOULINIER, 2003, p. II.

⁸ *Libros quoque eius, scilicet librum sciuias, librumque uite meritorum ac librum diuinorum operum, omelias etiam eius ac ignotam linguam cum suis litteris celestemque armoniam cum aliis scriptis eius non paucis, atque librum simplicis medicine, secundum rerum creationem octo libros continentem, librumque eius medicine composite, de egritudinum causis, signis atque curis* (München, BSB, Clm 2619, fol. 1r), apud MOULINIER, 2003 (ed.), p. II.

trajeto histórico do termo “física” como medicina, ou algo semelhante a esta, mas é provável que na época de Hildegarda, Pedro Abelardo, que viveu no século XII, tivesse estendido o sentido dado à *Physica* por Alcuíno (735-804), em sua “Dialética”, incluindo nela o conjunto das ciências que tinham como objeto o mundo criado (DE BOÛARD, 1991, p. 284). No século VIII, *Physica* recobria as quatro artes liberais de caráter matemático do *quadrivium*, a saber, a aritmética, a astronomia, a geometria e a música.

Além disso, é curioso o fato de que esses tratados de medicina não foram conservados com os outros escritos da santa, mas sempre de maneira à parte. Eles não fazem parte da principal coletânea de obras de Hildegarda realizada em Rupersberg, imediatamente após a sua morte, ou seja, do manuscrito de Wiesbaden conhecido por “Riesenkodex”. Essa segregação não é privilégio apenas das obras científicas; a correspondência de Hildegarda também está fragmentada em diferentes manuscritos (MOULINIER, 1995, p. 45).

Quando se analisa o *Livro de Plantas* no contexto dos nove livros que compõem a obra *Physica*, esse livro parece estar desvinculado do restante da obra. Não só porque ocupa mais do que um terço de *Physica*, apresentando 230 capítulos, como também porque parece constituir um herbário autônomo. Foi desde cedo objeto de traduções para o alto-médio-alemão e utilizado nos meios universitários em Heidelberg, no século XV, como demonstraram os fragmentos copiados respectivamente por Erhard Knab e Gerhard von Hohenkirchen⁹.

Não só as obras da santa abadessa consideradas como científicas diferem enormemente pelo conteúdo e pela forma do restante de suas obras – sobretudo das teológicas –, como também a transmissão de seus manuscritos é problemática. Atualmente, temos conhecimento de cinco manuscritos¹⁰ completos de *Physica* (e vários fragmentos), mas é importante salientar que nenhum desses foi o que serviu de base para a *editio princeps* de Schott. Talvez um dia esse manuscrito seja descoberto, da mesma forma que foram descobertos alguns fragmentos de *Physica* recentemente. *Causae et curae*, por sua vez, sobreviveu em apenas um manuscrito e um fragmento de manuscrito, ambos do século XIII (MOULINIER, 1995, p. 277).¹¹

⁹ MSS Vatican, Biblioteca Apostolica Vaticana, Pal. Lat. 1144 e 1207, apud MOULINIER, 1998, p. 136.

¹⁰ Para um resumo da história dos manuscritos de *Physica*, ver ADAMSON (1995) e MOULINIER (1995). Os manuscritos completos de *Physica* em latim são os seguintes: 1) Florença, Biblioteca Medicea Laurenziana, Cod. Laur. Ashburnham 1323, séculos XIII e XIV; 2) Wolfenbüttel, Herzog-August-Bibliothek, Cod. Guelf. 56,2 Aug. 4º, séculos XIII-XIV; 3) Paris, Bibliothèque National, Cod. 6952, século XV; 4) Roma, Biblioteca Apostolica Vaticana, Cod. Ferrajoli 921, século XV; 5) Bruxelas, Bibliothèque Royale, Cod. 2551, séculos XV-XVI. Os manuscritos e fragmentos dos manuscritos de *Physica* são apresentados com detalhes na “Introdução” (“Einleitung”) da edição crítica de MÜLLER e SCHULZE, 2008, p. XI-XII. Além de manuscritos e fragmentos de manuscritos em latim, existem fragmentos de manuscritos medievais em alto-médio alemão.

¹¹ Manuscrito completo: Kopenhagen (Kongelige Bibliotek, Ny. kgl. saml. 90 b Fol.) Fragmento: Berlin, Staatsbibliothek Preussischer Kulturbesitz, Lat. Qu. 674, fol. 103r-103v).

O número de livros de *Physica*, assim como também a sequência de sua organização, varia conforme o manuscrito. Alguns avanços para elucidar esses problemas foram conquistados através da tese de doutorado de Laurence Moulinier, resumida no livro *Le manuscrit perdu à Strasburg* (1995), pela sua edição crítica de *Causae et curae* (2003), e pelas últimas edições críticas de *Physica*, de Müller e Schulze (2008), e de Hildebrandt e Gloning (2010), assim como pelos fragmentos de *Physica* descobertos. Em relação à *Physica*, Moulinier propôs que, após a morte de seu primeiro editor, Moulinier propôs que, após a morte do primeiro editor, o manuscrito sofreu uma cisão e, assim, um destino duplo, com escritos distintos e adições.

Muito da pesquisa teológica e científico-histórica ainda utiliza as edições oriundas da *Patrologia latina* como fonte primária.¹² Contudo, o cotejamento do manuscrito de Paris com o manuscrito de Florença demonstrou que o texto estabelecido pela edição de Migne, baseada no manuscrito de Paris, não somente é limitado por numerosos erros de transcrição, como também contém trechos fragmentados e incompreensíveis, além de cortes drásticos e adições. Esta é a conclusão a que chegaram Müller e Schulze (2008), em sua edição crítica. Eles apresentam sistematicamente todos os capítulos de *Physica* provenientes da edição de Migne, na página da esquerda, e colocam em justaposição, na página da direita, o texto latino proveniente do manuscrito florentino.

8

Nem sempre o trabalho filológico de crítica textual pode garantir que o manuscrito mais antigo seja o melhor, nem o mais completo ou o mais autêntico. Porém, no caso específico de *Physica*, o manuscrito de Florença, que é o mais antigo, apresenta um texto bem mais coeso e coerente do que o manuscrito de Paris, porque não apresenta frases incompletas ou parágrafos sem sequência lógica. Não faremos neste momento um trabalho de comparação de manuscritos; isso será objeto de um trabalho específico, assim como faremos igualmente em relação à teoria dos humores. Gostaríamos apenas de registrar que os excertos de *Physica* que aqui apresentaremos foram extraídos da edição crítica de Müller e Schulze, e que nós mesmos percebemos as diferenças enormes que existem entre os dois manuscritos, pois trabalhamos até o capítulo LV com a edição de Migne, até sermos presenteados com a edição crítica de Müller e Schulze.¹³

Embora Hildegarda não faça referências sobre as fontes do seu conhecimento, as informações que se podem extrair de seus escritos mostram

¹² MIGNE (1855). Nessa edição de Migne, Daremberg, médico e historiador da medicina, ocupou-se do estabelecimento do texto latino, enquanto Reuss, professor de letras clássicas e filologia, dedicou-se à introdução e às notas.

¹³ Gostaríamos de agradecer à professora Laurence Moulinier que nos doou esse livro, além de alguns artigos sobre o *Livro de plantas*. Gostaríamos de agradecer igualmente a Pedro Jung Thomé, nosso monitor de latim, que traduziu do alemão a Introdução dessa edição.

que ela leu Celso (25–50 a.C.); Dioscórides Pedanios (40–90); Plínio, o Velho (23–79); Galeno (130–210); Isidoro de Sevilha (560–636) e Constantino, o Africano (1020-1087) (MOULINIER, 1998; GLAZE, 1998).

Isidoro de Sevilha, por exemplo, dedicou à medicina o quarto livro de suas *Etimologias*, sendo essa obra considerada a primeira das enciclopédias medievais. Foi Isidoro quem declarou que, para tratar um doente, dever-se-ia, primeiramente, restaurar sua energia vital, porque através dessa alcançava-se a cura e a manutenção da saúde. A ideia de restauração da energia vital como prática da manutenção da saúde perdurou por toda a Idade Média, e teve origem com a teoria dos humores, sistematizada por Galeno no século II e difundida no século IV por Oribásio (320-400) (LE GOFF; SCHMITT, 2017, p. 173-190). Hildegarda também pregava essa visão de saúde integrada, que poderia ser restaurada pela elevação da energia vital do ser humano, obtida através de uma alimentação equilibrada, exercícios físicos, preces e emprego de certos recursos da natureza, como pelo uso de pedras e ervas.

Sabe-se, entretanto, que houve um livro intitulado *Physiologus*, sobre medicina, de autor desconhecido, escrito no século II no Egito, e traduzido para o latim por volta do ano 700. Acredita-se que Hildegarda tenha sido influenciada pelo conteúdo desse livro ao escrever *Physica*, dado que em *Physiologus* há descrições de animais, plantas, pedras e criaturas fantásticas, de modo muito semelhante as que se encontram em *Physica* (MOULINIER, 1994).

1 Tradução de dois capítulos do Livro de Plantas (Liber I: De plantis), de Physica

Hildegarda inicia cada um dos capítulos do *Livro de Plantas* com a apresentação da planta em questão, descrita conforme a sua natureza: quente ou fria, seca ou úmida, seguida de sua indicação ou contraindicação para o consumo humano. Define as plantas e todos os elementos da natureza a partir de quatro qualidades: quente, fria, úmida e seca.

Deve-se principalmente à escola pitagórica a correspondência entre essas características dos elementos naturais e os quatro “humores” do ser humano: sanguíneo, fleumático, melancólico e colérico (LE GOFF; SCHMITT, 2017, p. 173-189). Os humores e as quatro características dos elementos naturais estavam ainda associados aos quatro elementos – terra, ar, fogo e água – e às quatro estações do ano – inverno, primavera, verão e outono. Era de fundamental importância saber qual dos quatro humores prevalecia no corpo humano, pois quando os humores estavam desequilibrados, apareciam doenças. Por isso, Hildegarda sempre alertava para a característica de determinado alimento, que poderia provocar abundância ou falta de determinado humor.

Desses quatro humores, predominava sempre um, que determinava o temperamento do indivíduo: sanguíneo, melancólico, colérico ou fleumático. Cada um dos temperamentos era associado a um elemento: o sanguíneo ao ar, o fleumático à água, o melancólico à terra e o colérico ao fogo. Ademais, os elementos tinham qualidades precisamente definidas: o ar é úmido e quente, a água úmida e fria, a terra seca e fria e o fogo seco e quente (RICHET, 1910, p. 92). As doenças eram, assim, definidas conforme essas quatro características, e o seu tratamento dava-se por meio de plantas medicinais que contivessem as qualidades opostas.

2 Esclarecimentos sobre a tradução

A variedade de latim com a qual se expressou Hildegarda certamente não é a clássica. Pode-se apontar inúmeras diferenças e imprecisões em relação à sintaxe clássica, como as muito bem conhecidas orações subordinadas completivas introduzidas por *quod* em substituição às completivas acompanhadas de acusativo com infinitivo, assim como o uso incorreto de orações consecutivas introduzidas por *ita quod*. Há também diversos usos inadequados do subjuntivo, onde deveria aparecer o imperativo afirmativo. De um modo geral, quanto à morfologia nominal, observa-se a manutenção correta dos casos, mas às vezes verifica-se confusão entre o acusativo e ablativo, quanto à regência das preposições, e ainda problemas no reconhecimento do gênero neutro.

As dificuldades de tradução não nascem da natureza do latim empregado por Hildegarda, mas do vocabulário para denominar as plantas. Há uma série de problemas terminológicos para a tradução, sendo um deles o questionamento inevitável de saber se existiria realmente um termo nas línguas modernas que correspondesse exatamente aos nomes das plantas que ela procurou descrever numa época tão distante e numa região específica – o Palatinato alemão. Muitos termos usados por Hildegarda são verdadeiros *hápax*, ou seja, aparecem apenas uma vez no *corpus*, conforme demonstrou Moulinier (2018). Restam igualmente dúvidas em relação à correspondência para o latim das plantas locais.

É importante ressaltar que, em todos os manuscritos completos de *Physica*, há palavras escritas em alto-médio-alemão, ao lado das palavras latinas que correspondem a algum tipo de planta. Ninguém até hoje conseguiu explicar o porquê dessas palavras na língua vernacular. Há duas hipóteses para essa questão: ou Hildegarda as escreveu para deixar claro para a população local de que planta se tratava, ou essas palavras em alto-médio-alemão foram introduzidas pelos copistas.

Quanto às escolhas de tradução, nem sempre traduzimos da mesma forma os adjetivos *suavis* e *rectus*, bastante polissêmicos, porque procuramos adequá-los ao contexto. Do ponto de vista sintático, convém destacar que Hildegarda mistura tempos e modos verbais que, na passagem para o português, nem sempre possibilitaram uma tradução elegante.

Desde os anos 1980, principalmente na Alemanha, mas também na França e nos Estados Unidos, tem havido uma onda crescente de traduções das obras de Hildegarda de Bingen, assim como de estudos acadêmicos em torno de sua vida e obra¹⁴. Há também nesses países um comércio de produtos naturais em plena ascensão – em torno de seus livros que abrangem terapias com plantas e pedras, além de produtos dietéticos – pois se formam na Alemanha, França e Bélgica terapeutas hildegardianos¹⁵.

A primeira seção do livro *Physica* apresenta-se como uma farmacopeia botânica onde, para cada planta, são descritas a sua natureza e os seus empregos. Dependendo do editor, essa primeira parte de *Physica* é denominada *Livro de Plantas*, *Livro I* ou ainda *Livro I: Plantas*. Em *Causae et Curae*, as plantas indicadas para o tratamento de doenças são apresentadas nos Livros III e IV (*Liber III* e *Liber IV*), e as receitas lá registradas parecem ter saído diretamente do *Livro de Plantas*.

Conforme mencionamos anteriormente, o texto latino que aqui apresentamos é o estabelecido pela edição crítica de MÜLLER, I.; SCHULZE, 2008, p. 11-12 (*Spelza*) e p. 15-16 (*Galgan/ Galanga*). Essa edição crítica baseou-se no manuscrito florentino.

[gl: *Spelza*]

Spelza optimum granum est, et calida, et pinguis ac uirtuosa est, et suavior aliis granis est, et eam comedenti rectam carnem et rectum sanguinem parat, et laetam mentem et gaudium in[gl: ad mentem letam] mente hominis facit; et quomodocumque comedatur, scilicet siue in pane, sive in aliis cibis, bona et suavis est. Et si quis ita infirmus est, quod prae infirmitate comedere non potest, accipe integra grana spelte et ea in aqua coque, sagimine addito, aut uitello oui, ita ut

Espelta

A espelta é um ótimo grão, não só é quente, como também é rica e energética, e é mais suave que os outros grãos. Fornece um corpo firme e bom sangue a quem o come, e faz a mente alegre e <dá>¹⁶ contentamento na [gl: para a mente alegre] mente do homem. E de qualquer forma que se coma, naturalmente no pão ou em outros alimentos, é boa e agradável. E se alguém está certamente enfermo

¹⁴ Na “Introdução” da edição crítica de *Physica* de Müller e Scholze (2008, p. IX), os autores citam 4000 trabalhos acadêmicos sobre Hildegarda de Bingen, conforme a bibliografia de Aris, M. A.; Embach, M.; Lauter, W.; Müller, I.; Staab, F.; Steinle, S. (orgs.). Hildegard von Bingen. Internationale wissenschaftliche Bibliographie, Mainz 1998 (também em CD-ROM).

¹⁵ <https://www.institut-hildegardien.com/> (França), <https://www.ecolesaintehildegarde.com/> (Bélgica), <https://www.abtei-st-hildegard.de/#gebetszeiten> (Alemanha).

¹⁶ Marcamos com <...> as adições que julgamos necessárias na tradução.

propter meliorem saporem libenter comedi possint, et da hoc modo infirmo ad comedendum, et eum, ut bonum et sanum unguentum, interius sanat.

que, por sua fraqueza, não pode comer, pegue os grãos inteiros de espelta e cozinhe-os na água, acrescente verbena ou gema de ovo para que assim possam mais facilmente ser comidos por causa do sabor melhor. Dê desse modo ao enfermo para comer e <isso> o tornará são por dentro, como se fosse um bom e saudável unguento.

O trigo espelta é também conhecido como “trigo vermelho”, “trigo dos gauleses” ou apenas “espelta”. Os especialistas se dividem quanto à sua origem: uns sugerem que ele teria surgido no Irã, no quinto ou sexto milênio antes de Cristo; outros, que teria surgido na Europa, em uma época mais recente. De fato, ele é encontrado em sítios arqueológicos da Idade do Bronze, na Europa Central e do Leste, assim como no Oriente Médio e nos Bálcãs (de 3000 a 1000 a.C.)¹⁷.

A farinha de espelta constituía uma das bases do regime alimentar das populações latinas. Segundo o dicionário Gaffiot¹⁸, a palavra *far* significa “o trigo comum” e, em Virgílio (*Geórgicas* I, 73), é usado como “espelta”. Na Roma Antiga, o pão de espelta era consumido pelo casal na cerimônia *confarreatio*, uma das três formas jurídicas do casamento romano. Na *Eneida* (5:745), *far* aparece com o significado de “bolo sagrado”.

Há muitas coisas a se dizer sobre a espelta do ponto de vista da alimentação e de sua utilização medicinal. Desde a antiguidade, a farinha de espelta era utilizada em pomadas. Teofrasto (século IV a.C.) dá uma receita que inclui farinha de espelta, tâmara e queijo que, misturada à cerveja, sucos e resinas, produz uma pasta perfumada, útil quando friccionada na pele para curar ferimentos (BOUBY, 2012, p.59).

Em 1987, o Dr. Gottfried Hertzka (1913-1997), médico pioneiro nos estudos da medicina hildegardiana, e professor da maior autoridade atual no assunto, o Dr. Strehlow, criou em Allensbach a Fundação Internacional Hildegard von Bingen para a pesquisa e a prática da medicina natural de Santa Hildegarda. O grupo de cientistas que trabalha nessa fundação descobriu que as virtudes dietéticas da espelta devem-se aos tiocianatos presentes em sua molécula, aos sais minerais (sódio, cálcio, potássio, magnésio, silício, fósforo,

¹⁷ KIPLE, K.F. and ORNELAS, K.C. *The Cambridge World History of Food*, vol. 2, Cambridge University Press, 2000 (ISBN 0-521-40216-6), p. 1856.

¹⁸ GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1935, reimpr. 1957, p. 653.

enxofre e ferro), bem como proteínas e carboidratos (mais especificamente, o glicosaminoglicano)¹⁹.

Atualmente, na Europa (e principalmente na França e Alemanha), consome-se muita farinha de espelta. Há diversos livros de culinária com receitas de Santa Hildegarda, como o que foi escrito pela fundadora do *Institut Hildegardien*, em Vannes, na França²⁰.

Na França, são muito conhecidos os “Biscoitos da Alegria”, feitos à base de farinha de espelta. Receitas desses biscoitos encontram-se até nas revistas católicas, como a “Famille Chrétienne”²¹, além de constar no livro de MOLINS (2019, p. 127).

[gl: Galgan, Galanga]

Galanga

Galgan totum fere calidum est, sed tamen modicam frigiditatem in se non habet et uirtuosum est. Homo, [gl: ↑febris ardens] qui ardentem febrem in se habet, galgan pul- [gl: contra febrem ardentem] uerizet et puluerem istum in fonte bibat, et ardentem febrem exstinguit, quoniam frigus et suauietas aqua fontis calori galange intermixta ardorem febris minuit. Et qui in dorso aut in latere [gl: dorso] de malis humoribus dolet, galgam in uino [gl: contra dolorem dorsi et lateris] welle, et ita calidum saepe bibat, et dolor cessabit, quia dolor iste a frigidis humoribus | surgens per calorem galange in uino calefacto fugatur. Et qui in corde dolet et cui in corde [gl: contra cordis dolorem] ummetich is, ille mox de galga comedat satis, et melius habebit.

A galanga é quase totalmente quente, mas em todo caso não tem em si frigidez moderada e é energética. A pessoa [gl: febre ardente] que tem febre ardente, <reduza> galanga a pó e beba com < água> de fonte este pó, e a febre ardente se extinguirá, pois o frio e água suave da fonte misturada com o calor da galanga diminui o ardor da febre. E aquele que sofre no dorso ou no lado do corpo [gl: no dorso] de maus humores, ferva galanga com vinho [gl: contra a dor do dorso e do lado do corpo] (welle), e assim frequentemente beba quente e a dor desaparecerá, porque esta dor que surge pelos humores frios é afugentada pelo calor da galanga no vinho aquecido. Também aquele que tem dor no coração e a quem no coração [gl: contra dor de coração] [...] ²², <se> ele logo comer galanga em quantidade suficiente, terá melhora.

¹⁹ Cf. <https://www.st-hildegard.com/de/st-hildegard/zentrum.html>

²⁰ MOLINS, Mélody. *Hildegarde pour les débutants*. Paris: Éditions IH, 2019.

²¹ A receita dos “Biscoitos da Alegria” pode ser encontrada em <https://www.famillechretienne.fr/culture-loisirs/cuisine-deco-jardin/biscuits-de-la-joie-de-sainte-hildegarde-49407>. Acesso em 03 de maio de 2020.

²² Deixamos de traduzir *ummetich is*, porque a tentativa de encontrarmos essa expressão em alemão mostrou-se infrutífera. Além disso, a edição a partir da qual estabelecemos o texto latino ainda não possui nenhuma tradução para uma língua moderna. No entanto, o Dr. Wighard Strehlow (2019, p. 100) cita uma passagem de Hildegarda na qual a galanga é indicada para “dores cardíacas ou problemas cardiovasculares”.

A galanga – uma espécie de gengibre, de acordo com o Dr. Strehlow, pode ser usada eficazmente por suas virtudes farmacológicas para combater o infarto do miocárdio e o câncer. Ele destaca que utilizou galanga em trinta mil pacientes, de 1984 a 2019, em seu consultório de naturopatia em Allensbach e no Hospital de Naturopatia em Berlim, tendo constatado sua eficiência, devido a seus bioflavonóides, na eliminação de dores devidas à angina peitoral, assim como na prevenção de infarto de miocárdio, de acidente vascular cerebral e de recidivas tumorais (STREHLOW, 2019, p. 91-118). As pesquisas de Strehlow são explicadas com detalhamentos científicos atuais, principalmente bioquímicos, que justificam o efeito positivo da galanga no tratamento e na prevenção dessas sérias enfermidades.

3 Considerações finais

Na época atual, a medicina convencional ou alopática é predominante no Ocidente. Não podemos negar os avanços obtidos pela ciência, que nos permitiu sobreviver a inúmeras doenças pela descoberta da penicilina ou pela invenção das vacinas, apenas para citar alguns exemplos. Podemos, no entanto, redescobrir e nos impressionar com os métodos terapêuticos naturais de Hildegarda de Bingen, nossos potenciais aliados para a prevenção e até mesmo para a cura de inúmeros problemas que afetam os seres humanos, tanto do nível físico quanto emocional.

14

Muitos ensinamentos de Hildegarda permanecem sendo utilizados sem alterações ao longo do milênio que nos separa de suas obras; outros sofreram avanço científico a partir das bases por ela criadas. Em 2012, um grupo de cientistas liderados por Uehleke (2012), realizou um estudo em faculdades de medicina em Berlim e Zurique para validar a autenticidade da medicina monástica fitoterápica, utilizando o *Livro de plantas*. A equipe analisou quatrocentos e trinta e sete empregos feitos por Hildegarda sobre cento e setenta e cinco plantas. Dessas, trinta recomendações estavam corretas e ainda são utilizadas em tratamentos.

A atualização científica da descrição da natureza feita por Hildegarda, assim como a aplicabilidade dos elementos da natureza em benefício dos seres humanos fazem parte da tradução comentada que estamos realizando. Pretendemos tornar acessível aos falantes de língua portuguesa o conhecimento desenvolvido e praticado por Hildegarda de Bingen na área de saúde física, mental e espiritual, com a publicação da tradução de *Physica* diretamente a partir do latim.

REFERÊNCIAS

Edições e traduções

BINGEN, Hildegard von. **Beatae Hildegardis causae et curae**, ed. KAISER, Paulus. Leipzig: B. G. Teubeneri, 1903.

BINGEN, Hildegard von. **Beate Hildegardis cause et cure**, ed. MOULINIER, Laurence. Berlin: Akademie Verlag, 2003.

BINGEN, Hildegard von. **Physica**. Edition der Florentiner Handschrift (Cod. Laur. Ashb. 1323, ca. 1300) im Vergleich mit der Textkonstitution der Patrologia Latina (MIGNE). Mueller, Irmgard und Schulze, Christian. (Zus. mit Christian Schulze unter Mitarbeit von Sven Neumann). Hildesheim, Zürich, New York: Olms-Weidmann, 2008.

BINGEN, Hildegard von. **Physica: liber subtilitatum diuersarum naturarum creaturarum, textkritische Ausgabe**, ed. HILDEBRANDT, R.; GLONING, T. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010.

BINGEN, Hildegarda. **Scivias (Scito vias Domini):** conhece os caminhos do Senhor. Tradução de **Hildegard of Bingen: Scivias**. Traduzido por Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2015.

BINGEN, Hildegarde de. **Le livre des œuvres divines: visions**. Présenté et traduit par Bernard Gorceix. Paris: Alban Michel, 2011 (1^{ère} édition 1982).

BINGEN, Hildegarde de. **Les causes et les remèdes**. Texte traduit du latin et présenté Pierre Monat. Grenoble: Jérôme Millon, 2019 (1^{ère} édition 2011).

BINGEN, Hildegarde de. **Les mérites de la vie: principes de psychologie chrétienne**. Textes traduits et présentés par Michel Trouvé et Pierre Dumoulin. Châteaudun: Éditions des Béatitudes, 2014.

BINGEN, Hildegarde de. **Lettres: 1146-1179: textes choisis**. Textes traduits du latin, présentés et annotés par Rebecca Lenoir. Paris: Jérôme Millon, 2007.

BINGEN, Hildegarde de. **Physica: le livre des subtilités des créatures divines**. Texte traduit du latin, préfacé et annoté par Pierre Monat. Présenté par Claude Mettra. Grenoble: Jérôme Millon, 2011.

MIGNE, J.-P. (ed.) **S. Benedicti Crispi Poematium medicum**, Patrologia latina, Vol. 89, col. 369-376, 1855.

MIGNE, J. -P. (ed.) **Walafridi Hortulus**, Patrologia latina, Vol. 114, col. 1119-1130, 1855.

MIGNE, J.-P. (ed.). **Sanctae Hildegardis Abbatissae Opera Omnia**. Patrologiae Cursus Completus. Series Latina, Vol. 197, col. 1117-1352. Paris: 1855.

PITRA, J.B. (ed.) *Analecta sacra Spicilegio Solesmensi parata*. **Nova sanctae Hildegardis Opera**, tomo VIII. Monte Cassino: 1882.

Bibliografia secundária

ADAMSON, Melitta Weiss. A reevaluation of Saint Hildegard's *Physica* in light of the latest manuscript finds. In: SCHLEISSNER, Margaret. **Manuscript sources of medieval medicine**: a book of essays. New York: Garland, 1995.

BENSON, Robert; CONSTABLE, Giles. *Renaissance and Renewal in the Twelfth Century*. **Medieval Academy Reprints for Teaching 26**. Toronto, Buffalo and London: Medieval Academy of America, 1992.

BOUBY, Laurent. Diffusion des plantes cultivées, émergence de l'agriculture en Europe. **Dossiers d'Archéologie**, n° 353, 2012, p. 56-61.

BOUDÈS, Yoan. Hildegarda de Bingen et l'encyclopédisme médiéval. Le cas des livres animaliers de la *Physica*, **Médiévales** [En ligne], 70 | printemps 2016, mis en ligne le 15 juin 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/medievales/7736>. Acesso em 23 de janeiro de 2020.

16

BRAVARD, André. **L'art roman**: petit guide. Vichy: Aedis, 1997.

CIRLOT, Victoria. **Hildegard de Bingen, uma 'artista' mística e profética**. Entrevista concedida a Moisés Sbardelotto, 2011. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4283-victoria-cirLOT>. Acesso em 28 de abril de 2020.

CIRLOT, Victoria. **Hildegarda de Bingen et la tradition visionnaire de l'Occident**. Entrevista concedida à Françoise Bonardel, 2017. Disponível em: <https://www.baglis.tv/corps/art-sacre/2987-hildegarda-de-bingen-et-la-tradition-visionnaire-de-l-occident.html>. Acesso em 24 de abril de 2020.

DE BOÜARD, Michel. Réflexions sur l'encyclopédisme médiéval. In: **L'encyclopédisme**: Actes du colloque de Caen 12-16 janvier 1987, Paris: Anne Becq, 1991, p. 281-290.

DUMOULIN, Pierre. **Hildegarda de Bingen**: prophète et docteur pour le troisième millénaire. Clermont-Ferrand: Éditions des Béatitudes, 2012.

GAFFIOT, F. **Dictionnaire latin-français**. Paris: Hachette, 1935 (reimpr. 1957).

GLAZE, Florence Eliza. Medical writer: behold the human creature. In: NEWMAN, Barbara (ed.) **Voice of the living light: Hildegard of Bingen and her work**. Berkeley: UCLA, 1998.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. Objetiva, 2009.

KIENZLE, B.; STOUDET, D.; FERZOCO, G., (ed.). **A companion to Hildegard of Bingen**. Boston: Brill, 2014.

KIPLE, K.F. and ORNELAS, K.C. **The Cambridge World History of Food**, vol. 2, Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval: Volume 2**. Traduzido por Hilário Franco Júnior. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

MOLINS, Mélody. **Hildegarde pour les débutants**. Paris: Éditions IH, 2019.

MOULINIER, Laurence. **Abbesse et agronome: Hildegarde et le savoir botanique de son temps**. In: BURNETT, Charles and DRONKE, Peter. **Hildegard of Bingen: the context of her thought and art**. London: The Walburg Institute (Walburg Institute Colloquia), 1998, p. 135-156.

MOULINIER, Laurence. **Hildegarde de Bingen, les plantes médicinales et le jugement de la postérité: pour une mise en perspective**. Les plantes médicinales chez Hildegarde de Bingen, Oct 1993, Gent, Belgique. p. 61-75. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00608791>. Acesso em 13 de abril de 2020.

MOULINIER, Laurence. Introduction. In: **Beate Hildegardis Cause et Cure** (Rarissima Mediaevalia, 1). Éd. MOULINIER, Laurence. Berlin: Akademie Verlag, 2003. p. 1-75.

MOULINIER, Laurence. **Le manuscrit perdu à Strasbourg: enquête sur l'œuvre scientifique de Hildegarde**. Paris: Publications de la Sorbonne, 1995.

MOULINIER, Laurence. Un encyclopédisme sans précédent? Le cas de Hildegarde de Bingen, in PICONE, Michelangelo. **L'enciclopedia medievale**. Ravenna: Longo Editore, 1994.

MOULINIER, Laurence. Y a-t-il de l'intraduisible? Quelques exemples de résistance dans les écrits scientifiques du Moyen Âge. **Médiévales** 75, automne 2018, p. 117-136.

NEWMAN, Barbara. **Voice of the living light**: Hildegard of Bingen and her work. Berkeley: UCLA, 1998.

PAZ, Xosé Carlos Santos. Introducción. In: *HILDEGARDE DE BINGEN, O Desfile das Virtudes (Ordo Virtutum)*. Departamento de Filoloxías Francesa e Galego-Portuguesa da Universidade da Coruña, 1999.

PERNOUD, Régine. **Hildegarde de Bingen**: conscience inspirée du XIIe siècle. Paris: Éditions du Rocher, 1995 (1^{ère} édition 1994).

REZENDE, Joffre, Marcondes de. Dos quatro humores às quatro bases. In: **À sombra do plátano**: crônicas de história da medicina [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. p. 49-53. Disponível em <http://books.scielo.org/id/8kf92/pdf/rezende-9788561673635-05.pdf>. Acesso em 07 de maio de 2019.

RICHET, Charles. An Address on Ancient Humorism and Modern Humorism. In: **The British Medical Journal**. Viena, 1910. p. 921-926. doi: 10.1136/bmj.2.2596.921 Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2336103/>. Acesso em 23 de janeiro de 2020.

18

STREHLOW, Wighard. **Les trésors thérapeutiques d’Hildegarde**: achillée millefeuille, violette, galanga, pyrètre d’Afrique – 4 puissants remèdes em cas de maladie, d’opération, de convalescence. Traduit d’allemand par Valérie Marest. Strasburg: Éditions du Signe, 2019.

UEHLEKE, B. et al. **Are the Correct Herbal Claims by Hildegard von Bingen Only Lucky Strikes?** A New Statistical Approach. Germany: *Forsch Komplementmed*. V. 19, n. 4, 2012, p. 187-190. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22964984>. Acesso em 13 de abril de 2020.

VANNIER, Marie-Anne. **Les visions d’Hildegarde de Bingen**: dans Le livre des œuvres divines. Paris: Alban Michel, 2015.

Data de envio: 01/10/2019
Data de aprovação: 04/05/2020
Data de publicação: 02/07/2020